



Lua Nova

ISSN: 0102-6445

luanova@cedec.org.br

Centro de Estudos de Cultura Contemporânea  
Brasil

Barbosa Pereira, Alexandre

As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo

Lua Nova, núm. 79, 2010, pp. 143-162

Centro de Estudos de Cultura Contemporânea

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67315839007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## AS MARCAS DA CIDADE: A DINÂMICA DA PIXAÇÃO EM SÃO PAULO\*

Alexandre Barbosa Pereira

Numa terça-feira do ano de 2003, caminhando pela Avenida Paulista próximo à Rua da Consolação, encontrei alguns pixadores conhecidos meus, Acusados, DML e Vital, que me convidaram para acompanhá-los ao seu *point* na Rua Vergueiro<sup>1</sup>. Aceitei o convite e segui com eles. Disseram-me que planejavam passar por baixo da catraca do ônibus, sem pagar a passagem. Fomos até o ponto e perguntei se não era complicado passar por baixo da roleta na Avenida Paulista, se ali não era mais difícil conseguir a liberação do

---

\* Adoto aqui a grafia da palavra pixação, com “x”, e não com “ch”, conforme rege a ortografia oficial, para respeitar o modo como os pixadores escrevem o termo que designa sua prática. Esse modo particular de grafar é apontado por alguns pixadores como uma maneira de diferenciar-se do sentido comum atribuído à norma culta da língua: pichação. “Pixar” seria diferente de “pichar”, pois este último termo designaria qualquer intervenção escrita na paisagem urbana, enquanto o primeiro remeteria às práticas desses jovens que deixam inscrições grafadas de forma estilizada no espaço urbano.

<sup>1</sup> *Point* é o espaço onde os pixadores se encontram, em um dia e horário fixos, para conversar sobre a pixação, estabelecer trocas e combinar novas pixações. No caso do *point* da Rua Vergueiro, que funcionou entre os anos de 2001 e 2005, os encontros aconteciam todas as terças-feiras à noite, em frente ao Centro Cultural São Paulo ou em uma praça na saída da estação Paraíso do metrô. O papel particular que esse *point* desempenhava no circuito dos pixadores será tratado mais à frente.

coбрador para viajar sem pagar. Eles responderam que não; era só intimar o cobrador e passar. Vital, o mais novo, ainda brincou comigo e disse que, em caso de resistência, eu, com a minha pasta, poderia dizer que roubei um banco e que “tava dando fuga” com o dinheiro e as armas, pois assim o cobrador “ficaria na moral”.

144 Após um tempo de espera, embarcamos. Acusados foi o escolhido para ir à frente e pedir ao cobrador a liberação de nossa passagem. Começou com uma ardilosa encenação de humildade: falando baixo, com gestos contidos, simulando certa vergonha, pediu ao cobrador para “por favor” nos deixar passar por baixo. Tudo com muita educação. O cobrador respondeu que não. Ele insistiu. O diálogo ficou tenso; o cobrador levantou a mão e bateu na caixa onde guarda o dinheiro, dizendo: “Já falei que não vai passar e pronto”. Acusados, então, não teve dúvidas em se desfazer do personagem subserviente. Mandou o cobrador abaixar a mão e disse que, se não quisesse deixar passar, tudo bem, mas que “não era pra levantar a mão para ele não!”. Começou também a provocar, falando do brinco que o cobrador usava e passou a chamá-lo de “viado”. Saímos do ônibus, e Acusados, antes de descer, parou na porta e insultou o cobrador um pouco mais.

Entramos em outro ônibus e, desta vez, DML foi o escolhido para encenar a humildade. Usou da mesma estratégia do colega Acusados, agindo de forma muito parecida. O cobrador ficou meio vacilante, disse que não podia, que tinha câmara no ônibus, fiscal disfarçado etc. DML falou que era só até a estação Paraíso, que nem sentaríamos nos bancos. Insistiu bastante até o cobrador, mesmo contrariado, permitir que viajássemos sem pagar. Passamos todos por baixo da catraca. Em seguida, DML deixou um pouco a humildade de lado e, em solidariedade ao cobrador, disse em voz alta que, caso houvesse mesmo algum fiscal no ônibus, era para vir “trocar ideia”! Que eles “dariam um

jeito” nele. Fomos para o fundo do ônibus. Uma senhora, visivelmente assustada, prestava atenção em nossa conversa. Vital, para provocar, ainda brincou comigo mais uma vez, perguntando-me se o dinheiro e as armas estavam na minha bolsa. Rimos, mas a senhora ficou ainda mais assustada.

No restante da viagem pela Avenida Paulista, eles falaram do preço absurdo da passagem de ônibus (na época, R\$ 1,70) e, como não podia deixar de ser, de pixação. Na hora de descer, todos agradecemos ao cobrador e lhe desejamos um bom trabalho. Seguimos para o *point* da Vergueiro – o mais importante de então – onde pixadores de diversas regiões da cidade se encontrariam.

Minha pesquisa de campo com os pixadores aconteceu fundamentalmente entre os anos de 2001 e 2005<sup>2</sup>. Ela se deu em várias etapas, a principal delas constituiu-se da observação de campo nos seus *points*, o da Rua Vergueiro em particular. No percurso feito durante a etapa de pesquisa, também participei de festas, fui à casa de alguns adeptos da pixação, percorri as lojas do piso inferior da Galeria do Rock<sup>3</sup> que vendem produtos ligados à pixação (como vídeos, tintas *spray*, revistas e álbuns de figurinhas), realizei entrevistas com vinte jovens e segui com eles, algumas vezes, em seus *rolês*<sup>4</sup> pela cidade. Se os pixadores encontram-se no centro de São Paulo para pixar e para tecer redes de sociabilidade, é na periferia que a maioria deles mora e forma seus grupos de pixo. Dessa maneira, a cidade com as suas centralidades e com as suas periferias foi o campo principal de observação da pesquisa.

Este artigo está organizado em três partes. Na primeira, discute-se o modo como se configura a dinâmica da

145

<sup>2</sup> Essa pesquisa foi objeto da dissertação de mestrado que defendi pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP. Ver Pereira (2005).

<sup>3</sup> Nome pelo qual é conhecido o centro de compras localizado entre a Rua 24 de Maio e o Largo do Paissandu.

<sup>4</sup> Os pixadores denominam as saídas para pixar como *rolês*.

pixação em São Paulo: as motivações suscitadas, como ela se relaciona com outras manifestações juvenis e a conformação de um circuito dos pixadores na cidade. A segunda parte aborda dois aspectos relevantes da conduta dos pixadores, o da transgressão e o do risco, que não remetem nem direta, nem necessariamente, ao vandalismo e à criminalidade. Por fim, na última parte do artigo, trata-se do modo pelo qual os pixadores articulam-se na cidade e que nos faz pensar melhor os centros e as periferias de São Paulo. Como veremos, se olhar para a cidade nos faz entender um pouco mais os pixadores, olhar para os pixadores também nos ajuda a compreender um pouco mais a cidade. O artigo apresenta, portanto, dois argumentos centrais, a saber: 1) do estudo das dinâmicas da pixação na cidade pode-se compreender, de modo específico, faces da dinâmica da relação urbana centro-periferia na São Paulo contemporânea; 2) essa inversão de perspectiva, que privilegia a pesquisa empírica ao debate normativo, questiona a figuração de senso comum baseada na associação direta de pixação e vandalismo.

### **O estilo da pixação em São Paulo**

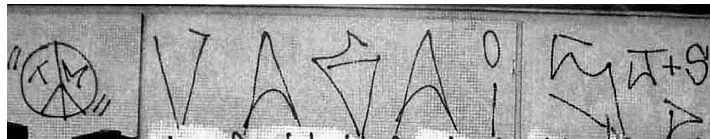
A pixação em São Paulo, ou o “pixo”, como seus autores costumam também chamá-la, é uma manifestação estética de parte da população jovem das periferias. Trata-se da grafia estilizada de palavras nos espaços públicos da cidade que se referem, quase sempre, à denominação de um grupo de jovens ou ao apelido de um pixador individual. Essa pixação possui um formato bastante peculiar: com traços retos e angulosos, ela diferencia-se do que seria o estilo norte-americano de pixação, designado *tag*, cujo formato arredondado lembra mais uma rubrica<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> O *tag* é, mesmo no Brasil, o estilo mais comum de pixação. Ele é, por exemplo, o estilo oficial da pixação no Rio de Janeiro.



À esquerda, o formato da pixação paulistana, e à direita, o estilo *tag*. Este último, em São Paulo, é feito geralmente com pincéis atômicos ou giz de cera e não com tintas *spray*, como os pixos (Pereira, 2004).

Ao lado do pixo principal, esses jovens deixam outra inscrição: o símbolo da grife a qual pertencem.



Da esquerda para a direita, o símbolo da grife Turma da Mão; o nome do pixo "vagais" e a inicial do nome dos autores do pixo (na gíria dos pixadores, aqueles que "fizeram o *rolê*") (Pereira, 2004).

147

A grife, como o próprio nome sugere, é uma espécie de etiqueta, um acessório que valoriza o pixo. Trata-se de uma modalidade de aliança de grupos de pixadores, por isso não se pixa seu nome por extenso, mas o seu símbolo ao lado da pixação principal. Uma grife congrega diversos grupos de pixadores com diferentes alcunhas. Fazer parte de uma possibilita expandir as relações de troca pela cidade, constituindo, assim, uma rede de grupos de pixadores. Porém, nem todos os indivíduos que pertencem a alguma grife se conhecem devido ao grande número de pixos que podem

estar a ela associados. Os pixadores que integram uma mesma grife devem, no entanto, prestar algumas obrigações recíprocas. A mais fundamental é elevar a popularidade da grife, ou seja, espalhar o seu símbolo pelo maior número de locais da cidade. Para garantir que isto seja cumprido, uma das exigências para se ingressar em algumas grifes é já ter certa notoriedade, o que significa já estar inserido no mundo da pixação e com muitas marcas pela cidade. Dessa maneira, os pixadores elevam o prestígio de seu pixo por estarem associados a uma grife e esta, por sua vez, consegue uma maior divulgação. Outros deveres daqueles que ingressam numa grife são o de reverenciar os pixadores daquela aliança que já morreram, mesmo sem tê-los conhecido, e também o de ser inimigo dos pixadores das grifes adversárias. Há uma grande rivalidade e muitos conflitos entre algumas grifes de pixadores.

148

Em São Paulo, a pixação estabelece uma relação bastante complexa com outra manifestação estética, o grafite. Enquanto em outras cidades do mundo o que aqui se denomina pixação é apenas um estilo dentro do grafite, na capital paulistana ela é vista por uns como o seu oposto – o grafite é entendido como arte enquanto ela é considerada sujeira e poluição visual – e, por outros, como um estágio inferior do grafite, que seria o patamar mais alto dessa forma de expressão. Por conta dessa aversão à pixação, principalmente pelo poder público e pela imprensa, os grafiteiros conseguiram adquirir até certa notoriedade junto à mídia e à população. Atualmente, muitos deles são contratados para realizar seus trabalhos em portas e fachadas de comércio, escolas e equipamentos públicos como forma de combate e prevenção à pixação. Além daqueles que têm seus trabalhos expostos em importantes galerias de arte da cidade. Contudo, conforme já afirmamos, a pixação e o grafite estabelecem relações que não podem ser resumidas nas fórmulas: grafite *versus* pixação ou grafite como evolução da pixação.

Há momentos entre essas duas manifestações estéticas de maior associação e outros de maior diferenciação.

Os *points* ajudam a entender muito do modo pelo qual os pixadores se apropriam da cidade. Há vários pontos de encontro de pixadores em São Paulo, mas o mais importante deles é o central. Por conta da repressão policial a esses encontros, ele já teve pelo menos três endereços: o Largo da Memória, no Vale do Anhangabaú, as imediações do Centro Cultural São Paulo e, desde 2005, o entorno da Galeria do Rock e da Galeria Olido, em frente ao Largo do Paissandu – todas localidades centrais da cidade de São Paulo.

Os pixadores são, em sua maioria, jovens moradores de bairros periféricos de São Paulo e o seu *point* central constitui um espaço de encontro de indivíduos de diferentes regiões. Sua localização na região central da cidade deve-se justamente ao fato de esses jovens virem da periferia. O centro é um lugar estratégico por ser um ponto de convergência e também um espaço de passagem para todos. Da mesma forma, ele é estratégico para o próprio ato de pixar o espaço urbano: “dá mais ibope pixar no centro, pois é por onde passam pixadores de todos os lugares”, afirmaram-me muitos deles. Em outras palavras, aquele que deixar sua marca nos muros e edifícios das áreas centrais de São Paulo obterá maior visibilidade e, conseqüentemente, maior notoriedade junto aos seus pares. Na pixação, quem pixa no maior número de lugares, em pontos de maior destaque e em lugares mais arriscados consegue mais *status* dentro do circuito dos pixadores.

149

No *point* central, os pixadores tecem uma vasta e complexa rede de relações de reciprocidade que se expande por toda a região metropolitana de São Paulo. Relações que geralmente se iniciam por uma prática bastante peculiar: a troca de folhinhas. Essa troca é o modo pelo qual jovens que não se conhecem no *point* podem estabelecer um primeiro contato. Um pixador, geralmente mais novo, aproxima-se



de outro, pergunta “o que ele lança”, “de qual quebrada ele é”<sup>6</sup> e, enfim, pede para que ele assine uma folhinha. O outro, se for da mesma geração deste<sup>7</sup>, além de assinar a folhinha, solicita uma retribuição e também pede para o primeiro assinar uma folhinha para ele. As folhinhas são folhas de papel com dobras que demarcam linhas, nas quais eles pedem para que os colegas deixem a sua pixação escrita. Elas são colecionadas em pastas e aquele que juntar mais consegue também maior destaque e reconhecimento no circuito da pixação. As folhinhas dos pixadores mais famosos e mais antigos no ofício são as mais valorizadas. Além das folhas de papel, cadernos e agendas são outros suportes utilizados para as assinaturas. A coleção de assinaturas de pixadores constitui um acervo em que suas inscrições, tão efêmeras na cidade, conseguem uma permanência maior, constituindo para muitos deles uma memória da pixação e da própria juventude.

150

A partir da troca de folhinhas, outras relações de reciprocidade são acionadas. O *point* é um lugar para se divulgar festas de pixação que ocorrem nos bairros da periferia e produtos ligados à pixação, como vídeos e álbuns de cromos de pixos. Contudo, a principal relação que ali se mobiliza diz respeito às alianças entre os pixadores e ao próprio deslocamento dos pixadores pela cidade. Ao encontrar com pixadores de outras regiões da cidade, distantes do seu local de moradia, eles estabelecem uma dinâmica em que combinam entre si para um acompanhar o outro em pixações nos

<sup>6</sup> O termo quebrada é usado para denominar os bairros pobres da periferia de São Paulo. Ele também é muito utilizado pelos jovens do *hip-hop*. Voltaremos ao assunto mais adiante.

<sup>7</sup> Na dinâmica da troca de folhinhas, os pixadores mais novos e menos experientes são os que solicitam as assinaturas dos colegas em suas folhinhas. Já os mais velhos, com mais experiência e reconhecimento no mundo da pixação, são os que geralmente só assinam as folhinhas. Em um *point*, pode-se constatar que um jovem cercado por outros a lhe solicitarem autógrafos é um pixador mais antigo e, portanto, “mais famoso”.

seus respectivos bairros. O *point* é um espaço para se fazer um *rolê* nas quebradas de outros pixadores. Isto permite o acesso a um bairro desconhecido com maior segurança e ainda garante que a pixação seja inscrita no maior número possível de lugares da cidade, o que lhe confere notoriedade. As alianças com outros pixadores para se fazer um *rolê* em outras quebradas não impede, entretanto, que muitos deles dirijam-se sozinhos a outras regiões da cidade, pois não há uma demarcação de territórios onde um grupo ou outro não possa pixar<sup>8</sup>. Além disso, quanto mais longe de seu bairro de origem um pixador conseguir chegar e deixar sua marca, maior *status* ele obterá entre os pares. Para os pixadores paulistanos, não é bem visto alguém que atue apenas nas proximidades de onde mora; é preciso ir para longe, pixar no centro da cidade e em outros bairros distantes para ser considerado um “pixador de verdade”<sup>9</sup>.

Essa relação com o espaço urbano faz com que os pixadores estabeleçam um modo bem particular de deslocamento pela cidade, pois, em um primeiro momento, há os trajetos dos pixadores de seus bairros na periferia para os seus encontros no *point* e, em um segundo momento, a partir dos contatos feitos com jovens de outros bairros no *point*, há os deslocamentos para outros bairros da periferia para pixar ou para participar de alguma festa de pixação.

Além dos *points* e das festas que acontecem na periferia, outros pontos importantes de encontro de pixadores em São Paulo, mas que não são exclusivamente deles, são as pistas de *skate*; o piso da Galeria do Rock – que concentra ainda as lojas de produtos ligados ao *hip-hop* e à estética

151

<sup>8</sup> A única proibição neste sentido refere-se à não sobreposição de um pixo por outro, prática denominada por eles como atropelo. Os atropelos configuram a maior ofensa na prática da pixação.

<sup>9</sup> Esse modo de apropriar-se do espaço urbano demonstra que, em São Paulo, a pixação apresenta características diferentes do modelo de organização de gangues, que demarcam um território que não pode ser invadido por grupos rivais.

afro – sem falar nos shows e nos eventos de *hip-hop* e de grafite. Todos esses espaços e eventos configuram uma parte do circuito dos pixadores na cidade que, como se pode perceber, perpassa práticas das quais muitos pixadores também são adeptos, como o *skate* e o *hip-hop*. Dessa maneira, pode-se afirmar que o circuito dos pixadores em São Paulo dialoga com outros circuitos ou faz parte de um circuito maior, pois ele se insere em dinâmicas que remetem a um estilo de se vestir e de se portar considerado jovem e denominado usualmente como “cultura de rua”.

### A transgressão pelo risco

152 Entre os pixadores, o que demonstra ter bastante importância é a dinâmica de criação dos riscos para se produzir excitação, expressas como anseio por adrenalina. Por isso, aquele que realiza a maior proeza e enfrenta os maiores desafios consegue maior reconhecimento. No entanto, é importante observar como esta questão configura-se entre os próprios pixadores, a partir de suas práticas na cidade. Ao invés da noção de delinquência, o melhor termo para analisá-los seria o da transgressão, pois há uma valorização desta ideia e de certa postura marginal, que está presente em diversos momentos de seu cotidiano e não apenas no ato da pixação. O fato de sempre tentarem passar por baixo da catraca do ônibus, o consumo de drogas (principalmente maconha, cola e solventes) são formas de desafio às regras. Há também aqueles que praticam furtos. Esta é, aliás, uma das formas encontradas por alguns para conseguir as latas de tinta *spray*, seja furtando-as diretamente em lojas de tinta, seja pelo dinheiro conseguido por meio de furtos de pequenos objetos (pilhas, aparelhos de barbear, cosméticos, entre outros) em supermercados e vendidos no centro da cidade. Embora nem todos os pixadores admitam praticar furtos, menções a estes apareceram algumas vezes em suas conversas nos *points*. Eles se referem a esta prática pelo

seu artigo no código penal, o 155. Criou-se até uma grife exaltando o furto, a Love 155.

Há, portanto, um flerte com a criminalidade, que para alguns se encerra nestas ações consideradas leves. Para outros, no entanto, tais atos podem transformar-se em uma participação efetiva em crimes mais graves, como o narcotráfico e os assaltos à mão armada. O modo como a polícia procede com eles nas ruas – quase sempre com violência – acaba por tornar a opção pela criminalidade ainda mais atracente. Os pixadores relatam muitos casos de agressões verbais e físicas. Quando são flagrados pixando, o mais comum é terem os seus corpos pintados com suas próprias tintas. Poucas vezes, no entanto, são presos. Neste contexto, desafiar ou enganar a polícia, ainda que não seja diretamente por causa da desigualdade de forças, é apontado por eles como um grande fator de motivação para a prática da pixação.

Embora a questão de um certo desacordo com a ordem econômica e política estabelecida apareça de modo bastante vago, as transgressões realizadas por estes jovens, em alguns momentos, adquirem também um caráter contestatório. Muitos afirmam protestar por meio da pixação; poucos, entretanto, sabem dizer claramente contra o quê. Contudo, esta noção de contestação parece representar a ideia de que eles agem de forma negativa, indo contra as regras que regem a vida em sociedade, justamente para mostrar como as coisas estão erradas, como eles não têm oportunidades etc. Por outro lado, esta também se torna uma maneira de justificar suas ações, tão mal vistas pelo restante da população. Ao se afirmarem como protestos, suas ações podem passar a fazer mais sentido para parte dos cidadãos paulistanos. Por isso, ao lado de algumas pixações surgem frases com conteúdo mais político e escrito de maneira legível para a compreensão de quem não pertence à dinâmica, tais como: “ajudando a destruir um país malgovernado” ou “só paro de pixar quando os políticos pararem de roubar”.

Contudo, o que fazem, muitas vezes, é dizer que todos praticam crimes no país, mas apenas eles são condenados. Assim se posicionam quando são acusados de vândalos, como se sua prática fosse um mal menor se comparada aos outros problemas do país – como os políticos corruptos, exemplo sempre levantado. Quando são entrevistados por jornalistas, eles articulam esse discurso do protesto muito bem.

154 Outra expressão desta relação dos pixadores com a transgressão refere-se aos próprios nomes dos grupos dos pixos, que apontam para algumas regularidades analíticas. Em grande parte, o conteúdo expresso nas marcas pixadas remete a temáticas associadas à transgressão e à marginalidade. Em alguns casos, incorporam-se adjetivos com os quais o senso comum, a imprensa e mesmo o poder público costumam designá-los: vândalos e delinquentes. Essa forma como são tratados em geral também acaba por reforçar a afirmação de uma postura marginal e transgressora. Pode-se perceber, nas denominações das pixações, três grandes conjuntos temáticos: a criminalidade, a sujeira e a loucura, esta última associada às drogas ou ao próprio ato de pixar<sup>10</sup>.

Além da transgressão e da marginalidade, outra possibilidade de interpretação é a apresentada por Angelina Peralva (2000), que tenta explicar o ingresso de parte da juventude no narcotráfico e na prática do surfe ferroviário<sup>11</sup> no Rio de Janeiro a partir da ideia de risco. Segundo esta autora,

<sup>10</sup> 1 – *Criminalidade e marginalidade*: Acusados; A Máfia; Arsenal; Arteiros; Artigo 12 [artigo do Código Penal que se refere ao tráfico de drogas]; Baderneiros; Bandit's; Chacina; Delinquentes; Facção; Febem; Fugitivos; Gangsters; Homicidas; Ilegais; Imorais; Justiceiros; Kaloteiros; Kanalhas; Larápios; Marginais; Metralhas; Parasitas; Patifes; Pilantras; Rifle; Sacanas; Sapecas; Skopetas; Suspeitos; Vadios; Vagais; Vândalos; Vítimas. 2 – *Sujeira, excremento e poluição*: Abutris; Arroto; Dejetos; Kartarro; Lixomania; Os Cata Lixo; Os Dorme Sujo; Perebas; Sujos; Trapos; Vômitos. 3 – *Loucura, drogas e seus efeitos*: Adrenalina; Alopados; Alucinados; Brisados; Canabis; Chapados; Dopados; Duentes; Hemp's; Jamaica; Lunáticos; Pirados; Malucos; Marofas; Os Fuma Erva; Psicopatas; Psicose; Vício.

<sup>11</sup> Uso “não convencional” dos trens, em que os jovens vão do lado de fora dos vagões, equilibrando-se sobre o teto como se surfassem.

esses jovens, pobres em sua grande maioria, estariam mais submetidos aos riscos urbanos e, em especial, aos da violência. Por esse motivo, as condutas de risco poderiam se apresentar como forma de resposta ao próprio risco. Segundo Peralva, isto decorreria do fato de já haver uma familiaridade com o risco. No caso dos pixadores, entretanto, a conduta de risco constitui também outra maneira de transgredir, pois o que eles querem é ir além do que as regras impõem e desafiar os perigos. O risco, aliás, parece ser a principal transgressão que estes jovens procuram. Não por acaso, quem pixa em lugares de maior dificuldade, seja pela altura, seja pela vigilância, adquire maior notoriedade.

Para se entender por que esses jovens infringem as normas e buscam – como o risco de escalarem edifícios altos, de serem pegos pela polícia e mesmo assassinados por um segurança particular – é preciso retomar a principal característica da pixação: a efemeridade. Esta parece ser o maior obstáculo que desejam superar com suas pixações pela cidade. De forma paradoxal, eles tentam imortalizar seus nomes em um suporte extremamente efêmero que é a paisagem urbana. Enquanto fixam suas marcas com letras estilizadas à procura “da fama por outros meios”, como costumam afirmar, a cidade tenta arrancá-las da paisagem. As coleções de folhinhas aparecem, nesse sentido, como uma forma de fazer com que os seus pixos permaneçam e não sejam apagados da memória.

155

Muito mais do que fugir da condição de anônimo, eles querem a permanência de seus nomes para que seus colegas possam admirá-los. Assim, os pixadores aproveitam-se do anonimato proporcionado pela metrópole para estampar seus pseudônimos pela cidade e tornarem-se conhecidos entre os seus pares, sem, no entanto, deixarem de ser anônimos para o restante da cidade. Nos muros, nos prédios, no grupo de amigos, nas revistas e na televisão, nas pastas com as folhinhas, nas histórias das aventuras, o que se busca

é uma continuidade, algo que vença a efemeridade característica da pixação e que permita que a sua marca possa ser apreciada por futuras gerações de pixadores. Porém, para eles próprios, a pixação também é algo passageiro em suas vidas. Nenhum deles quer realmente continuar correndo riscos por muito mais tempo. Embora haja pixadores que já chegaram à faixa dos 30 anos, eles são exceções e, em sua maioria, ou não pixam mais, ou pixam com frequência muito menor que os mais novos e, mesmo assim, em lugares que não ofereçam grandes ameaças. A maioria dos mais velhos apenas goza do fato de ter começado a pixar há muito tempo e de, por isso, possuir grande admiração e respeito por parte dos pixadores.

### Periferias no centro

156

No centro de São Paulo, todas as noites, uma vez por semana, jovens de diferentes bairros da periferia de São Paulo encontram-se e articulam um espaço de trocas pautado pelas regras da pixação e por determinados elementos que podem ser atribuídos como sendo característicos de determinados segmentos, majoritariamente juvenis, de moradores da periferia paulistana. “De qual quebrada você é?”; esta é uma das primeiras perguntas que um pixador faz a outro que ainda não conhece. Isto mostra, logo de início, que ser de alguma quebrada é um fator importante ali. Esse termo evoca uma identificação com o espaço da periferia, ou com a representação que estes jovens constroem deste espaço. A quebrada remete ao risco, à violência e à carência, mas também ao sentimento de pertencimento e às relações de solidariedade e companheirismo.

A identificação mais ampla que muitos grupos juvenis têm estabelecido com a periferia faz com que esta, e consequentemente a noção de quebrada, torne-se uma categoria mais ampla que alude à força e à coragem daqueles que dela fazem parte. Magnani (2006) relaciona esta apropriação do

conceito de periferia com o movimento descrito por Marshall Sahlins, no qual os atores sociais assumem a cultura como elemento de afirmação e resistência, ao mesmo tempo em que a problematização desse conceito é feita pelos antropólogos. O discurso dos *rappers* sobre a periferia, por exemplo, deixa o foco no estigma um pouco de lado e direciona sua atenção mais ao pertencimento do que à carência.

Ao se reconhecerem como moradores de bairros considerados quebradas, os pixadores diminuem a distância entre eles, o que propicia contato e trocas. A periferia para eles ultrapassa a referência espacial, torna-se um modo de proceder na cidade em que se deve ter algumas referências comuns, dominar certos códigos tidos como próprios dos seus moradores. Assim, mesmo que um pixador more no bairro de Vila Joaniza, na zona sul, e outro em São Mateus, na zona leste, eles estarão ou se sentirão próximos por serem ambos moradores de quebradas. Percebem-se, então, dois movimentos. O primeiro refere-se a uma universalização desta noção que incorpora a representação da periferia, pois ser de alguma quebrada é morar na periferia da cidade e, portanto, partilhar certos valores comuns. É justamente por conta dessa universalização que a defesa de um território não demonstra grande força na prática cotidiana dos pixadores. Já o segundo movimento trata de uma particularização dessa mesma ideia que valoriza o bairro em que se mora. Quebrada, segundo essa percepção, refere-se ao seu próprio bairro, ao seu “pedaço”, conforme a categoria elaborada por Magnani (2000) ao abordar as relações de sociabilidade em bairros da periferia de São Paulo. Nessa acepção, o pixador identifica-se primeiro com o indivíduo que mora no seu pedaço, na sua quebrada, mas sem perder a identificação com os moradores de outras quebradas. Assim, ser de uma quebrada significa pertencer a um bairro específico e fazer parte de uma rede de relações particularizadas, mas também significa ser da periferia de São Paulo e estar inserido em uma rede mais geral de relações.



Esses dois movimentos estão sempre atuando simultaneamente na concepção de quebrada, corrente entre os pixadores. Um valoriza o bairro, o local de moradia, portanto, restringe. O outro universaliza, explicitando uma condição comum: a de moradores dos bairros pobres da periferia, que, neste caso, aponta para uma reversão de estigma, pois se torna valor positivo. Há, entretanto, um receio entre os pixadores dessa valorização da quebrada apenas como bairro onde se mora. Ocorre certo mal-estar quando há uma sobrevalorização da própria quebrada, principalmente quando se aponta para uma rivalidade com outras regiões ou bairros da cidade. Eles, de certa maneira, tentam evitar as disputas que tenham o território e a defesa deste como referência. Quando a valorização do bairro acontece, é de maneira velada e sutil.

158 Com a valorização da noção de periferia<sup>12</sup> entre os pixadores – inspirada em grande parte pelo movimento protagonizado pelo *hip-hop* – pode-se perceber nos encontros do *point* a criação de uma lógica em que não ser da periferia torna-se um elemento de pouco ou nenhum prestígio. Esse fato pode ser comprovado pelo modo como os jovens mais abastados que ingressam na pixação tentam disfarçar sua origem social, escondendo o seu local de moradia ou incorporando certo estilo periférico de se vestir que alude, em grande medida, ao estilo *hip-hop*. Com isso, periferia passa não apenas a ser uma categoria espacial, como também uma categoria identitária que faz referência à pertença de classe, mas que não se restringe a esse fator. Categoria que também traz consigo modos particulares de se portar e de se relacionar com os pares da periferia.

Um dos elementos relacionais importantes neste contexto e que é bastante forte entre os pixadores é a questão da humildade. Em diversos momentos os pixadores ressaltavam

<sup>12</sup> Atualmente, esse movimento de valorização da periferia tem tido grande repercussão em outras práticas culturais, como o movimento de literatura periférica e de saraus na periferia. Ver Nascimento (2006) e Hikiji (2008).

a sua importância. Sobre o estabelecimento de contato inicial com outro pixador no *point*, diziam, é preciso “saber chegar na humildade”. Uma pessoa considerada portadora de humildade é tida como de grande valor entre eles. Porém, não se é humilde quando se rebaixa ao outro, mas quando não se age com superioridade e arrogância. Curiosamente, por meio de uma prática em que se destacar e aparecer mais do que os outros é a regra, os pixadores têm na valorização dessa noção própria de humildade um modo de garantir as relações de troca e aliança que estabelecem em meio às rivalidades e conflitos suscitados pela competição no mundo da pixação.

Entretanto, a humildade para os pixadores pode aparecer com formas e significados diferentes. No instante em que entram em contato com outros personagens da cidade, quando parados pela polícia ou quando precisam viajar de ônibus sem pagar, eles põem em prática, com humildade e com certa subserviência, o modo mais adequado para se portar com esses atores sociais detentores de algum poder. Nesses casos, adota-se uma estratégia para não ser punido ou para se conseguir certos benefícios; trata-se, pois, de uma humildade dissimulada. Na relação com autoridades de menor poder, ou que não detêm o monopólio legítimo da coerção física, a humildade como subserviência pode ser usada como uma estratégia inicial para a obtenção de determinados fins, mas, assim como na relação entre eles, a conduta humilde pode ceder lugar a uma atitude de confronto. Entretanto, eles não assumem que a postura adotada com esses personagens seja a de humildade, pois o que entendem por esse termo apenas se concretiza entre os iguais, entre eles que são pixadores. Tem-se, então, a outra forma de manifestação da humildade, do modo como ela realmente é entendida no contexto da pixação.

Deve-se destacar, contudo, que a valorização da noção de humildade não é exclusividade dos pixadores, mas um elemento muito suscitado por outros grupos juvenis ligados

à periferia, como o *hip-hop* e as torcidas organizadas, mas também no mundo prisional<sup>13</sup>. A humildade, na verdade, faz parte de um tríptico em que estão presentes, além dela, as ideias de lealdade e de proceder, constituindo um preceito bastante citado entre grupos cuja composição é majoritariamente da periferia da cidade<sup>14</sup>. A noção de proceder remete a dois significados: o de procedência (de origem, de proveniência) e o de procedimento (de modo de portar-se, enfim, de comportamento). Pode-se afirmar que estes dois sentidos da palavra proceder estão presentes no uso feito pelos pixadores e por estes outros grupos. Assim, para eles, o proceder refere-se a normas de procedimento permeadas por noções de procedência social. Neste sentido, agir com humildade é um procedimento valorizado pelos pixadores em seu circuito e demonstra que aquele que o faz seja considerado alguém que detém proceder, que conhece os códigos e sabe estabelecer relações.

160

As dinâmicas da relação com a periferia – como espaço mais geral de articulação que extravasa o bairro particular – e as regras de procedimento relacionais afetam o próprio modo da pixação paulistana, pois, para esses jovens, sair para pixar em outras regiões da cidade é muito mais interessante do que apenas pixar em seu próprio bairro. Para eles, inclusive, é no momento em que deixam de atuar apenas na quebrada onde moram e saem para pixar em outras quebradas, ou mesmo no centro da cidade, que se tornam pixadores de verdade. Quando indagados sobre o ano em que iniciaram, a maioria deles apresenta duas datas, aquela em que começou no bairro de uma forma mais localizada e menos intensa e a data de quando “realmente” iniciou-se na pixação; ou seja, de quando saiu para pixar em outras quebradas, em outras partes da cidade, que não a região

<sup>13</sup> A esse respeito ver a análise da noção de proceder feita por Marques (2007).

<sup>14</sup> Esse é o caso da torcida organizada de futebol do Corinthians, a Gaviões da Fiel, que tem como lema: Lealdade, Humildade e Procedimento.

próxima ao local de moradia. Desse modo, a pixação em São Paulo não funciona como demarcadora de um território específico, onde outros grupos não podem entrar.

Circular pela cidade e deixar sua marca é a regra principal da pixação. No entanto, é difícil afirmar que os pixadores sejam desterritorializados, conforme apontam muitos estudos sobre grupos juvenis inspirados por autores como Deleuze e Guattari (1997) ou Maffesoli (2001). Na verdade, a partir desta valorização da periferia como categoria de pertencimento e de reconhecimento, pode-se dizer que os pixadores são hiperterritorializados, pois, mesmo em seus encontros no *point* do centro da cidade, são as relações concebidas sobre e na periferia que estão sendo postas em ação. E nessa dinâmica da pixação, a periferia aparece, simultaneamente, como una e múltipla. Dessa forma, pode-se afirmar que, se toda desterritorialização implica uma reterritorialização em outros termos, conforme apontam Deleuze e Guattari, os pixadores, ao percorrerem a cidade para os encontros nos *points*, para ir às festas ou mesmo para deixar sua marca em um muro, estão em um processo constante de reterritorialização da periferia. A pixação é nômade; os pixadores, não.

161

### Alexandre Barbosa Pereira

é doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/USP e pesquisador do NAU/USP.

### Referências bibliográficas

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1997. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, vol. 5.
- MAFFESOLI, M. 2001. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record.
- MAGNANI, J. G. 2000. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (orgs.). *Na metrópole*. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- \_\_\_\_\_. 2006. "Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana". *Sexta-Feira*, nº 8, São Paulo: Ed. 34, pp. 30-43.

- MARQUES, A. 2007. "Da 'bola de meia' ao triunfo do 'Partido': dois relatos sobre o 'proceder'". *Ponto urbe*: revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, São Paulo, ano 1, versão 1.0, julho.
- PERALVA, A. T. 2000. *Violência e democracia*: o paradoxo brasileiro. São Paulo: Paz e Terra.
- PEREIRA, A. B. 2005. *De rolê pela cidade*: os pixadores da cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado em Antropologia. São Paulo: FFLCH-USP.
- NASCIMENTO, E. P. 2006. *Literatura marginal*: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de mestrado em Antropologia. São Paulo: FFLCH-USP.

*Outros materiais:*

- HIKIJ, R. S. 2008. *Cinema de quebrada*. São Paulo: Lisa/Fapesp NTSC (45 min.), color.



## AS MARCAS DA CIDADE: A DINÂMICA DA Pixação EM SÃO PAULO

ALEXANDRE BARBOSA PEREIRA

O artigo tem como foco os pixadores na cidade de São Paulo. Trata-se de jovens que percorrem as ruas da cidade deixando inscrita em muros, prédios e viadutos a sua marca. Tal prática, porém, não é vista com bons olhos pela população paulistana, que vê na pixação uma forma de degradação da paisagem urbana. Aborda também o modo particular com que estes jovens se apropriam do espaço urbano pelo estabelecimento de pontos de encontro, os seus *points*. Os pixadores têm uma maneira de conceber o centro e a periferia de São Paulo que dialoga com a dinâmica da metrópole. Embora se identifiquem com a periferia de onde são oriundos, eles têm o centro como importante local de atuação. A pesquisa revelou como eles estabelecem relações de troca, aliança e conflito entre si na cidade.

241

**Palavras-chave:** Pixadores; Cidade; Juventude; Antropologia urbana.

### THE CITY'S MARKS: THE TAGGERS DYNAMICS IN SÃO PAULO

*The article has as focus the taggers in the city of São Paulo, who covers the streets of the city to leave written in walls, buildings and viaducts their marks. Such practice, however, is not seen with good eyes by the paulistana population who sees in this writing a degradation of the urban landscape. The article also approaches the particular way by which these young appropriate themselves of the urban space through the establishment of meeting points. The taggers have a way to conceive the center and the periphery of São Paulo that dialogues with the dynamics of the metropolis. Although they are identified with the periphery where they are from, they have the center as an important performance place. The research disclosed*

*Lua Nova*, São Paulo, 79: 235-244, 2010

*how they establish exchange relations, alliances and conflicts between them in the city.*

**Keywords:** *Taggers; City; Youth; Urban anthropology.*